4.º ANNO — N.º 17 * 2.ª SERIE * 1898 — MAIO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.mo Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Bispo de Meliapor,
Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, etc.

BRAGA
Typ. de I. M. de Souza Cruz
102, R. Nova de Souza, 106
1898

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

SUMMARIO: — *A maç.·. na guerra hispano-americana.* — *Idem na causa de Zola.* — *Como foram desmascarados em França os candidatos maç.·.* — *Os duellos na Italia.* — *A maç.·. e Joanna d'Arc.* — *Patriotismo* yankee. — *Um maç.·. que se converte.*

Meu caro amigo:

Agora que tanto preoccupa as attenções de todos a encarniçada lucta entre a Hespanha e os Estados-Unidos, não será fóra de proposito adduzir alguns dados, que possam illucidar a quem quizer conhecer o papel que a maçonaria tem desempenhado até hoje, e poderá vir a desempenhar de futuro, n'este desastroso acontecimento.

Pelo que já se conhece no mundo profano, que é com certeza muito menos do que o mais que se ignora, alguma cousa se poderá concluir desde já. Que, — em ultima analyse, — está nas tradições maçonicas bem comprovado que a seita.·. deve, por necessidade de sua propria natureza, tomar parte em todos os successos que tenham em vista a perturbação da paz social, a infracção do direito, a rebellião contra a legitima auctoridade, o desacato da religião, tudo emfim que tenda a infringir as leis justas e legitimas.

Começarei por dizer que Mac-Kinley, o refolhado presidente da republica norte-americana, é mação e faz parte da loja intitulada *Nobres do Altar Mistico*. Esta circumstancia, se não explica sufficientemente o facto da inqualificavel aggressão dos *yankees*, ministra pelo menos uma razão bem mais convincente do que o falado *humanitarismo* que — dizem elles — os impelliu á lucta.

Aqui ha trinta e tantos annos, Cavour.·., para justificar a sua invasão nas provincias da Marca, lembrou-se de adduzir «a necessidade de restabelecer lá a ordem perturbada pelas tropas pontificias». Mais tarde, quando quiz entrar em Napoles, lá saiu com a mesma razão de cabo de esquadra: que, perigando a ordem social pela imminencia da guerra civil, era necessario que lá corressem os soldados piemontezes a salvar a situação.

Em 1870, como se tratava da pessoa do Vigario de Jesus Christo, o caso devia revestir um caracter mais piedoso; e porisso o immortal *Galant'uomo* escrevia a Pio IX que, se os piemontezes invadissem os Estados Pontificios, seria unicamente para garantir a segurança (!) do Summo Pontifice e a manutenção da ordem.

Hoje Mac-Kinley.·. declara guerra á Hespanha em nome da humanidade! A sua mensagem ao congresso americano poderia muito bem ser assignada por Cavour, Lanza, Visconti-Venosta ou qualquer outro d'esses revolucionarios que levaram a Italia ao miseravel estado em que hoje se encontra, de vêr o sangue de seus filhos regando as terras da Abyssinia, ou derramado pelas ruas de Milão!...

Mas Mac-Kinley não quiz faltar ás tradições de *familia*. — E não faltou. E com elle collabora essa medonha alcateia maç.·. dos Estados norte-americanos, onde a seita.·. está diffundida talvez como em nenhum outro paiz do mundo. Basta saber que, só a Grande Loj.·. de New-York tem sob a sua dependencia outras 734 lojas, com um pessoal de 88:573 mações. As cifras totaes são verdadeiramente formidaveis. Assim, a seita dos *Bons Templarios* não conta menos de 403:849 homens e 169:804 mulheres; os *Cavalleiros de Pythias* téem 464:530 adeptos; os *Ald-Fellows* téem 798:607 subordinados á *Soberana Grande loja*, e 118:509 dependentes da *Ordem unida*, todos negros Antonio Maceo, que foi chefe dos insurrectos cubanos, pertencia a uma d'estas seitas.

Estas cifras foram extrahidas do *World Almanac*, de New-York, pela excellente revista madrilena, *La Lectura dominical*, a qual assevera que são mações os chefes dos insurrectos cubanos, a começar por Maximo Gomez, bem como Marcos Garcia, novo governador civil da Provincia de S Clara, e outros muitos personagens.

Comtudo os peiores inimigos de Hespanha tem-os ella entre seus proprios filhos. São Sagasta.·. e Moret.·. (ex-ministro) em Madrid; em Cuba, Gobin.·., Giberga.·., os generaes Bernal (*Kleber* 33.·.) e Parrado 33.·.,— que na seita é conhecido pelo nome symbolico de *Jesus Christo* (profanação inaudita!) e que, na ausencia do Capitão general, assume o governo de Cuba, — e finalmente o proprio general Blanco, que se não fôr mação (o que affirmam as *más linguas*) é incontestavelmente um maçonisante dos quatro costados. Nas Filippinas é Utor.·.; Quinones.·. em Porto Rico, e uma infinidade de outros, em cujas mãos se jogam n'este momento critico os destinos da desventurada Hespanha.

Ninguem desconhoce já agora que as revoluções das Filippinas e de Cuba foi obra planeada nas lojas. E no entanto, o governo de Madrid, em vez de escorraçar da administração publica esses traidores, em vez de lhes exigir as responsabilidades que tinham nos acontecimentos, em vez de trancar a porta a esses antros onde se conspira contra a patria, e contra a religião,— entrega os destinos da pobre Hespanha nas mãos dos individuos mais importantes da seita!

E depois, ahi téem o desastre de Cavite devido a uma indesculpavel imprevidencia, e a prespectiva de desastres ainda maiores, que poderão levar a fi lalga Hespanha até ao fundo do tenebroso abysmo de que se vae abeirando

Mas que interesse tem a maçonaria em promover a ruina de Hespanha? E' que a incommoda a fé ardente do povo hespanhol; é que a Hespanha foi o unico paiz que se fez representar officialmente no congresso antimaçonico de Trento; é que a Hespanha é uma nação catholica e o seu poderoso rival d'além Oceano professa o protestantismo fanatico; é que finalmente, a intervenção do Papa em favor da paz exasperou muito extraordinariamente os animos dos irmãos do avental e trolha, e assim tudo põem agora por obra a fim de lhe darem um cheque formidavel.

Foi assim que a seita.·. procedeu em 1870, na guerra entre a França catholica e a Allenha protestante. E a proposito leio no *Correio Nacional* a seguinte nota que envio ao meu amigo, na certeza de que ha de gostar de a lêr.

Diz aquelle excellnte diario catholico de Lisboa *(numero 1565)*:

4.º ANNO — N.º 17 | 2.ª SERIE | 1898 — MAIO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

As lições da historia. — Obra da Solemne Homenagem a Jesus Christo Redemptor.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: — A V. Ordem Terceira e o individualismo — Pela imprensa franciscana — Santo Protector — Indulgencias, etc.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo (continuação) — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: A primeira expedição dos Portuguezes á India — Vasco da Gama (continuação).
IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO — Novos Membros da Pia União — Braga — Lisboa — *Centro dos Anjos* — *Centro das Mercês* — Coimbra — Collegio Ursulino — Guimarães — Collegio de S. Damaso — Extrangeiro — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Torre de S. Vicente de Belem *(poesia)* — A Vasco da Gama *(poesia)* — Bibliographia — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: Mater divinæ gratiæ — O tumulo de S. Francisco Xavier em Gôa — Santo Antonio de Lisboa — Grupo de missionarios franciscanos portuguezes, que vão partir para a Beira (Africa Oriental) — O Mar Morto.

As lições da historia

As grandes lições da historia: mas quem ha ahi que n'ellas attente, que procure estudal-as, comprehendel-as, colher d'ellas ensinamentos preciosos para a vida das sociedades ou dos individuos?...

E no entanto, é bem verdade que a historia, como disse o nosso Padre Vieira, é «exemplo e aviso do presente, advertencia do futuro». — Ainda mal, pois, que tão raros são os que se preoccupam com o seu estudo, que devia ser um dos factores mais importantes da educação intellectual e moral dos povos.

Estas considerações afflúem-me ao espirito a proposito das ruidosas festas com que Portugal acaba de commemorar um dos feitos mais gloriosos de sua gloriosissima epopeia maritima.

Cortejos civicos, vistosas illuminações, marchas *aux flambeaux*, regatas navaes, sessões solemnes, theatros, circos, tudo, emfim, que poderia contribuir para maior luzimento e brilhantismo dos festejos, de tudo se lançou mão, tudo se prodigalisou, se dissipou mesmo, no intuito de que a commemoração fosse, quanto possivel, grandiosa e digna do illustre feito que tendia a glorificar.

Achamos bem justificado o empenho. Tanto mais que até hoje, em Portugal, tem sido este o fadario dos grandes homens: que sejam votados a um imperdoavel esquecimento os seus nomes e os emprehendimentos gloriosos que hajam levado a cabo.

Mas, na celebração da grande apotheóse, quantos attentaram nos preciosos ensinamentos que do feito celebrado estão naturalmente a derivar? Pois, certo que se em algum tempo foi necessaria esta lição, nunca tanto como no periodo verdadeira-

mente critico por que hoje passa a nacionalidade portugueza. Nunca os exemplos de patriotismo, legados pelos grandes vultos que doiram as paginas da nossa historia, foram tão urgentes como na presente quadra, em que a algidez d'um egoismo desolador paralysa todas as actividades, e estanca na propria fonte todo principio de iniciativa proveitosa e util.

Ouçamos pois as lições da historia. Convido-te, Leitor amigo, a que me acompanhes 'nesta arriscada e penosa odysseia por entre essas lousas que escondem as cinzas frias dos nossos heróes. Creio que o proveito colhido te recompensará superabundantemente os suóres derramados ao longo de este escabroso caminho.

*

A grandiosa empreza a que metteu hombros e que levou a cabo, com tanta felicidade, Vasco da Gama, é um dos factos mais gloriosos da nossa historia, e de consequencias de tal modo transcendentaes, que mal poderá medir a sua extensão o espirito mais penetrante. Por elle vieram tomar assento ao esplendido convivio da civilisação nações e povos adormecidos no torpôr da barbarie; o commercio e a navegação, ainda então no berço, entraram n'um periodo de extraordinario desenvolvimento e perfeição; ás artes e sciencias rasgaram-se novos e mais amplos horisontes; ás industrias europêas foi aberto um novo e immenso mercado, onde a Europa, a troco dos seus productos manufactureiros, iria abastecer-se das especiarias que lhe escasseavam cá, e locupletar-se de oiro, tartarugas, pedrarias e outros artigos preciosos que já de ha muito sorriam aos soberanos de Portugal.

Mas o fructo mais importante que derivou da descoberta do navegador portuguez, foi o impedir que a Europa caisse maniatada em poder dos musulmanos. Estes, com effeito, emquanto as nações do velho mundo se digladiavam em luctas mesquinhas entre castello e castello, ou cidade e cidade, tinham-se elevado a um alto gráu de esplendor e prosperidade; dominavam do Industão ao Mediterraneo, seus navios sulcavam todos os mares, o monopolio do commercio asiatico constituia os povos em vassalagem dos seus mercados e os seus exercitos, animados pelo ardor da guerra e o fanatismo da crença, ameaçavam de nova invasão os estados da christandade. [1]

Foi então que a descoberta de Vasco da Gama, com as guerras e conquistas que se lhe seguiram, transportou da Europa para a Asia o theatro da lucta, em que Portugal, e com elle a civilisação christã, saiu vencedor; arrancou das mãos dos filhos do Alcorão o monopolio do commercio da India, e, distraindo-lhes para o Oriente a attenção e as forças, preparou a gloriosa victoria que d'ahi a alguns annos salvou a Europa nas aguas do Lepanto.

Sobre tudo isto — e era o que mais preoccupava os gloriosos aventureiros — o grande feito do navegador portuguez ia hastear a cruz em terras desconhecidas, levar a luz do Evangelho a nações onde nunca penetrára, trazer ao seio da Egreja tribus e povos que até alli a desconheciam.

Tanto isto é verdade, que, apenas os nossos marinheiros conquistavam um palmo de terra onde fosse hasteado o pendão das Quinas, logo, de par com a conquista da espada, começava tambem a conquista da Cruz, por meio dos missionarios — quasi sempre das Ordens regulares — que a metropole para lá mandava. E nos marcos de pedra que, ao longo da costa descoberta, eram levantados para attestar o dominio da corôa de Portugal, a Cruz dominava sempre as armas dos soberanos portuguezes. Quando finalmente, se resolviam a erguer edificios e cidades, não esqueciam nunca o mosteiro ou o convento, nos quaes

---

[1] Silveira da Motta, *Quadros de hist. portug.*

viam uma garantia de estabilidade para a conquista realisada.

Era ainda em obediencia a este ideal profundamente christão e de fé viva e ardente, que do peito dos nossos marinheiros pendia a Cruz — penhor das bençãos do céo —; que nas velas de suas náus se divisavam as imagens de S. Gabriel e S. Raphael, a assegurar-lhes a protecção divina; e que aos logares recem-descobertos impunham as mais das vezes um nome inspirado pelo christianismo.

Emfim: para perpetuar o grande feito, entendeu D. Manuel que nada seria mais a proposito do que levantar um grandioso templo á gloria do Deus dos exercitos, e eis-ahi que surge o sumptuoso mosteiro de Belem, esse glorioso poema de pedra, que é uma gloria portugueza a commemorar outra gloria tambem portugueza.

E' que o patriotismo dos nossos antepassados era a resultante admiravel de sua fé ardente, de seu espirito aventureiro e de seu encendrado amor pelo torrão que lhes deu o berço. Era este ideal sublime que os encaminhava e esforçava para essas gloriosas emprezas, que conquistaram a Portugal um lugar digno entre os povos civilisadores e colonisadores.

A este proposito, são dignas de recordar-se as palavras honrosissimas que Leão XIII escreveu aos Bispos portuguezes. [1]

Diz o Grande Pontifice:

«Comquanto o reino de Portugal, collocado no extremo da peninsula Iberica, seja circumscripto por apertadas fronteiras, é certo que os vossos monarchas, cujo louvor não póde ser mesquinho, estenderam os limites do seu imperio até á Africa, Asia e Oceania, de modo que Portugal não cede o passo aos mais illustres, antes a muitos se avantaja.

«Mas, onde procurar a origem de tão grandes commettimentos? Quem com rectidão de animo investigar a questão, encontrará a solução no amor e no sentimento religioso. N'essas perigosas e laboriosas expedições, ao seio de gentes desconhecidas e barbaras, é sabido que se procurava sobretudo o serviço de Nosso Senhor Jesus Christo, mais que os proprios interesses e gloria; ambicionavam mais propagar o nome christão do que estender os limites do imperio».

Emquanto este ideal animou os conquistadores portuguezes, a nação expandiu-se com uma vitalidade e energia extraordinarias, por esses immensos paizes que a seus esforços surgiram do seio do Oceano. Mas apenas começou a decair o sentimento religioso, logo, como necessaria consequencia, começou tambem a decadencia da nação. E foi assim que chegamos ao tenebroso abysmo em que estamos prestes a afundar-nos.

Talvez eu seja tido por suspeito ou por infundada a minha asserção. Oiçam então a opinião insuspeitissima d'um homem, a quem ninguem contestará competencia e auctoridade. São do Sr. Marianno de Carvalho (no *Diario Popular*) as seguintes notabilissimas palavras:

«A decadencia das nações está na razão directa da decadencia do sentimento religioso... Perde-se primeiro a fé religiosa, este sentimento que liga os individuos e os obriga a commungar n'um mesmo ideal, como que a tornal-os solidarios e defensores d'uma como que patria espiritual da alma. Perde-se depois, pouco a pouco, o sentimento da patria, esta outra religião que faz com que todos os individuos se sintam unidos para a defeza d'um patrimonio que a todos é commum.

«E perdido o sentimento da patria espiritual no mesmo Deus que todos adoravam, e perdido o sentimento da patria temporal que é o torrão que todos devem amar e defender — não admira que as nações se decomponham e por fim desappareçam!...

[1] *Carta de 14 de Setembro de 1886.*

«Asim o ensina, implacavelmente, a Historia».

Pois saibamos ao menos aproveitar as lições da historia. Se o engrandecimento de Portugal foi devido á fé ardente de seus filhos, se á perda d'essa fé deve attribuir-se a sua decadencia actual, é logico esperar que será do influxo benefico e salutar d'essa mesma fé, reaccendida, que ha de vir o remedio — se elle ainda é possivel — para as crises que hoje assoberbam a nossa Patria.

Não nos pejemos de volver ao passado. Eduquem-se na religião as gerações nascentes; levantem-se os templos que o liberalismo revolucionario e maçonico derruiu; enviem-se ás nossas colonias missionarios dignos que, a par com a acção passageira da espada de nossos valentes soldados, promovam a acção benefica e duradoira da Cruz.

E este será o melhor proveito que poderemos colher da celebração do nosso glorioso jubileu nacional, e da eloquente lição que nos resalta do facto commemorado.

Obra da Solemne Homenagem a Jesus Christo Redemptor

NORMA FUDAMENTAL

I

Fim

PROMOVER entre os catholicos de todo o mundo em 1900, ao finar-se o seculo XIX e começar o seculo XX, uma solemne homenagem de gratidão e devoção a Jesus Christo Redemptor, e de amor e obediencia ao seu augusto Vigario, o Pontifice Romano.

II

Meios

1.º Reunir n'uma liga d'amor filial todos os catholicos a fim de, por meio da oração e boas obras, implorarem de Deus á liberdade e exaltação da Santa Madre Egreja, a paz e a unidade do povo christão, a conversão dos peccadores e a graça da abertura do Anno Santo.

2.º Recolher e juntar, por meio de pequenas offertas, o obulo do amor filial dos catholicos para o depor aos pés do augusto Vigario de Jesus Christo, como tributo de fidelidade á Cadeira de S. Pedro e voto ardente de ver cada vez mais estendidos entre os povos da terra, os grandes beneficios da Redempção.

3.º Promover nos annos antecedentes peregrinações reaes e espirituaes aos Sanctuarios mais insignes; e no anno de 1900, peregrinações a Roma, de toda a parte do mundo, para lucrar a Santa Indulgencia, entoar um hymno d'amor e gratidão ao Divino Redemptor e Rei, Jesus Christo, sobre o tumulo do seu primeiro Vigario, S. Pedro, e apresentar humildemente ao Summo Pontifice a homenagem de devota submissão e plena obediencia.

III

Constituição da obra

E' constituida:

1.º Por uma *Commissão Internacional* que a dirige.

2.º Por *Commissões nacionaes* executivas, ou *Delegados nacionaes, Commissões Diocesanas, Socios correspondentes e delegados,* os quaes actuam nas deliberações da Obra.

3.º Por socios participantes do merito da mesma Obra, na qualidade de Protectores, Promotores, Cooperadores.

4.º Por sociedades, jornaes e periodicos adherentes.

IV

Da Commissão internacional

A commissão internacional do Officio e do Conselho da presidencia, da qual tambem fazem parte os presidentes das Commissões nacionaes e delegados nacionaes, tem dupla séde:

EM ROMA	EM BOLONHA
Piazza Ss. Apostoli 49.	Via Mazzini n.º 94

V

Das Commissões nacionaes executivas

1.º As Commissões nacionaes compõem-se do Officio e do Conselho de presidencia, do qual fazem parte todos os presidentes das commissões diocesanas.

2.º As Commissões nacionaes representam na sua nação a commissão internacional, tem as mesmas faculdades e observam as mesmas disposições.

3.º As Commissões nacionaes fazem com que em cada diocese seja constituida pelo Ordinario uma Commissão diocesana, que promova a Obra e tracte do seu desenvolvimento e progresso.

a) Onde não estiver ainda constituida a commissão diocesana, a commissão nacional implora do Ordinario um correspondente diocesano, o qual tracte dos interesses da Obra e observe as disposições da mesma Commissão.

b) Na falta de Commissão e de correspondente, a Commissão nacional provê provisoriamente aos interesses do obra com a nomeação d'um delegado diecesano.

4.º A's commissões nacionaes, como centros da obra, estão subordinadas ás Commissões, os correspondentes e os delegados diocesanos. E' das attribuições das commissões nacionaes o estabelecer no proprio seio uma secção especial de informações, que subministre aos jornaes e periodicos catholicos artigos e noticias relativas á Obra.

5.º As commissões nacionaes conservam-se em continuas relações com a commissão internacional, a fim de conservar na Obra a necessaria unidade.

VI

Os delegados nacionaes

Na falta de Commissões nacionaes e até que sejam constituidas, cumprem inteiramente as suas obrigações os delegados nacionaes, escolhidos pela commissão internacional.

VII

Das Commissões Diocesanas

1.º São ellas constituidas pelo Ordinario.

2.º E' das Commissões deocesanas: a) Promover a Obra no ambito da diocese e coadjuvar a commissão nacional, no intuito do maior esplendor na SOLEMNE HOMENAGEM. b) Procurar socios promotores e cooperadores d'ambos os sexos. c) Tractar de obter a adhesão de todas as sociedades catholicas, sem distincção d'especie e de nome, e de todos os jornaes e periodicos catholicos da Diocese. d) Procurar recolher offertas dos socios e das sociedades adherentes. e) Conservar-se em continuas relações com a commissão nacional e, na falta d'esta, com a internacional.

MATER DIVINÆ GRATIÆ

VIII

Dos socios correspondentes

Os correspondentes diocesanos nomeados pelo Ordinario observam inteiramente as obrigações das commissões diocesanas (V. 3.º alinea 1.ª) e pódem valer-se do auxilio de um ou mais coadjuctores, participando os seus nomes á comissão nacional.

IX

Dos Delegados Diocesanos

Em quanto nas dioceses não fôr constituida a commissão diocesana, nem forem nomeados os correspondentes, a commissão nacional póde nomear provisoriamente um delegado que observe no entretanto as obrigações da commissão diocesana.

X

Dos socios protectores, promotores e cooperadores

Socios promotores e cooperadores são aquelles que responderam affirmativamente ao convite que se lhes fez para tal fim.

Os socios promotores concorrem para bem da Obra com uma offerta de 50 francos, com a faculdade de effectuarem o pagamento em tres prestações annuaes.

A offerta do concurso dos socios cooperadores é de 15 francos, com egual faculdade.

Os dignitarios da Egreja, inscriptos entre os socios promotores e cooperadores, são socios protectores.

XI

Das sociedades catholicas adherentes

As sociedades de todas as especies e nomes adherem á Obra da *Homenagem solemne a Jesus Christo e ao seu Vigario:*

1.º Promettendo cooperação nos resultados da Obra e concurso para os meios de a levar a cabo.

2.º Concorrendo para as despezas necessarias para promovel-a, com uma offerta livre, pagavel tambem em tres prestações annuaes.

XII

Do Jornalismo Catholico

As redacções dos jornaes e periodicos catholicos adherem á Obra e tornam-se cooperadoras d'ella por meio da publicidade para o bom resultado da *Homenagem solemne á Jesus Christo e ao Seu Vigario.*

Os jornaes e periodicos catholicos adherentes receberão, com precedencia de tempo, copia de todas as communicações e documentos emanados da commissão.

O presidente da
Commissão internacional,

GIOVANNI ACQUADERNI.

O secretario geral,

TOMASO CRISPOLLI.

SECÇÃO DOUTRINAL

Ordem Terceira

A Veneravel Ordem Terceira e o Individualismo

Direcção social dos Terceiros

III

MEIOS DE A CONSEGUIR

ADA arrasta como o exemplo. E' por isso quenós, como remate de este pequenino trabalho, apresentamos exemplos dando uma summula d'um plano de direcção social da Terceira Ordem Franciscana.

O ensino oral parece-nos insufficiente e inefficaz se não estriba no ensino escripto; quer-se um Directorio social redigido e impresso que trace a linha de conducta aos ensinamentos oraes. Tracejemos alguns capitulos d'um possivel programma d'acção.

I — A ESMOLA

1.º— Os Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira terão, ao de menos na pratica, como stricta e gravemente obrigatoria, a esmola, até fóra de casos de extrema necessidade e miseria excepcional.

2.º — Em face das condições economicas do operariado actual, os Terceiros e Terceiras não terão mão acanhada para empregar o superfluo em obras de caridade e piedade. Pelo que:

a) Furtar-se-hão a toda a despeza inutil, quer dizer, a toda a despeza que não seja motivada pela necessidade e conveniencias sociaes.

b) Não engrossarão economias que não sejam reguladas por uma justa previdencia pessoal ou por um legitimo cuidado dos paes e amigos, ou emfim pelo dever de assegurar aos filhos uma honesta posição social que não seja inferior á dos paes.

3.º — Como hoje em dia todos são forçados a sahir de sua posição, e elevar sua dignidade ao nivel de seus recursos, é para se temer que pessoas abastadas não julguem censuravel o eximir-se da esmola. Por isso os Terceiros ricos não se esqueçam de que as familias abertamente christãs seguem n'este ponto a maxima do Phariseu do Evangelho: *Decimas do omnium quæ possideo.*

Não se reputarão dispensados de empregar em obras pias e caridosas a vigesima parte pelo menos de seus reditos, designadamente se não téem encargos extraordinarios de familia.

II — JOGOS. AGIOTAGEM. ESPECULAÇÃO

1.º— Os membros da Ordem Terceira esquivar-se-hão ás apostas sobre dinheiro, para que se requer maior ou menor somma, sem mais esperança que a d'um beneficio.

Se entrarem nas loterias, será principalmente no intuito de auxiliar uma bôa obra, de contribuir para um serviço publico e não exclusivamente para embolsar; ainda assim não nos atrevêmos a palmear os valores financeiros, ditos valores á sorte.

2.º Os Terceiros evitarão egualmente jogos de bolsa, quer seja á sorte, como acontece no jogo, quer seja de contado, o que é especulação.

Pódem pôr seus fundos a render; fazendo-o, tenham em vista obter peculio, interesse ou proveitos de seu dinheiro, mas não mirem a beneficios provenientes de trafico, o que deve de ser interdicto aos Terceiros.

3.º Rejeitem com energia essa agiotagem que só vive de fazer altear ou baixar os fundos publicos sem outro motivo que o de encher a bolsa: não entrem directa nem indirectamente em trapaças d'esta laia.

III. — DEPOSITOS PARA DINHEIRO

Os Terceiros poderão collocar seus fundos em rendas publicas ou privadas, em associações, acções de sociedades anonymas, etc. Mas acordem-se de que, se á custa de seu dinheiro véem a ter parte em emprezas industriaes ou commerciaes, são por outro lado responsaveis das injustiças e iniquidades em que incorrerem aquelles a cujos creditos se confiaram: violação do domingo e da liberdade religiosa, escassez de salarios, abuso do trabalho, etc.

A sua responsabilidade é proporcionada á parte que tiveram na associação, ao numero d'acções que possuem, e por conseguinte á faculdade que logram de influir na direcção ao menos pela escolha de administradores de que muito bem se poderiam desfazer.

No entretanto, uma coisa é a gente achar-se por herança ou situação anterior mettido n'uma empreza, e outra coisa é filiar-se n'ella de seu proprio talante. N'este caso, a responsabilidade é maior, e os Terceiros não poderão entrar mesmo por compra d'acções em sociedades alienadas da moral, como por exemplo onde o domingo é vergonhosamente violado, onde se abusa do trabalho das creanças, onde se especula sobre o das mulheres.

Os Terceiros podem adquirir obrigações financeiras e acceitar mesmo um certo interesse do dinheiro emprestado. Mas não esqueçam que para ser tolerado o interesse requer-se que: 1.º seja explicado por um risco, um prejuizo, uma necessidade a encher; 2.º seja proporcionado a esta necessidade, a este prejuizo e a este risco. Se, pois, o rendimento fôr seguro, não poderão acceitar mais do interesse egual ao que poderiam tirar do mesmo dinheiro dando-lhe outra direcção.

Nunca por nunca se mettam em calculos usurarios que pezam até á ultima mealha os beneficios recahidos por sobre os depositarios de seu dinheiro.

IV. — SALARIO

Os Terceiros devem de ter por obrigação stricta pagar fielmente aos obreiros e obreiras, dar-lhes salario proporcionado ao trabalho e de molde a valer ás necessidades communs dos trabalhadores.

Como o trabalho d'impreitada está debaixo d'esta lei, calculem os Terceiros a remuneração d'um trabalho intermittente como é o das mulheres em casa, de geito que a paga lhes garanta a manutenção ordinaria sem as furtar aos trabalhos caseiros.

O estado normal do homem é viver em familia e levar os pesos d'ella; exige, pois, de direito o salario familiar. Cuidem portanto os Terceiros de manter os obreiros dando-lhes um trabalho normal e assignalando-lhes um salario que lhes permitta no curso da existencia elevar a familia pelo menos á classe meã.

Esta obrigação não attinge os que dão que fazer aos obreiros mais a titulo de caridade que de necessidade e proveito pessoal.

Na classe de patrões ou associados de patrões, não assumam os Terceiros responsabilidade de emprezas ou industrias que não garantam justos salarios a menos que se vejam auctorisados a valer a esta desordem, e que se achem resolvidos a fazel-o.

Se o salario bastante satisfaz por completo as exigencias da stricta justiça, os Terceiros emprehendedores ou patrões não ficam redondamente quites com o obreiro lá porque lhe tenham já pago uma vez; os Terceiros não téem direito a todos beneficios sem limite nem obrigações.

Legitimos proprietarios, aos Terceiros toca boa parte dos fructos do bom exito de seu dinheiro: 1.º por via de seu trabalho pessoal de directores, ao qual na quantidade e qualidade deve de corresponder a acceitação dos rendimentos emprehendidos; 2.º em razão do capital empenhado na empreza; 3.º na sua qualidade de inventores ou engenheiros; tendo tomado á sua conta todo o risco da empreza, téem tambem mais longa parte nos proveitos d'ella; isto são os strictos direitos do emprehendedor; satisfeitos elles, o restante dos beneficios, se existe, não lhes pertence na integra: téem obrigação em consciencia de tirar do superfluo uma parte justamen-

te applicada aos obreiros, quer pela repartição individual, quer pela garantia segura e efficaz de occupações rendosas e communs.

V. — ACQUISIÇÕES E MANDOS

Não se mettam os Terceiros em obras d'estas se não poderem hombrear com ellas, se não estiverem seguros de dinheiro, para futuro, e se não poderem mesmo pagar immediatamente.

Cuidem de não se pôrem em atrazo de pagamento do ordenado dos creados, do salario dos operarios, das memorias dos provedores. Lembrando-se de que o homem tem direito a viver de seu trabalho, não hesitarão em pagar o justo preço e não se porão a regatear para darem menos, ficando assim mal remunerado o obreiro.

Posto que se possam atêr ao preço corrente e ao proposto pelo vendedor, fujam de beneficiar por suas compras os centros de grande e abusiva pressão sobre os minguados trabalhadores que muita vez não podem viver de seu trabalho só porque o preço dos objectos é alteado pela especulação de fornidos proprietarios.

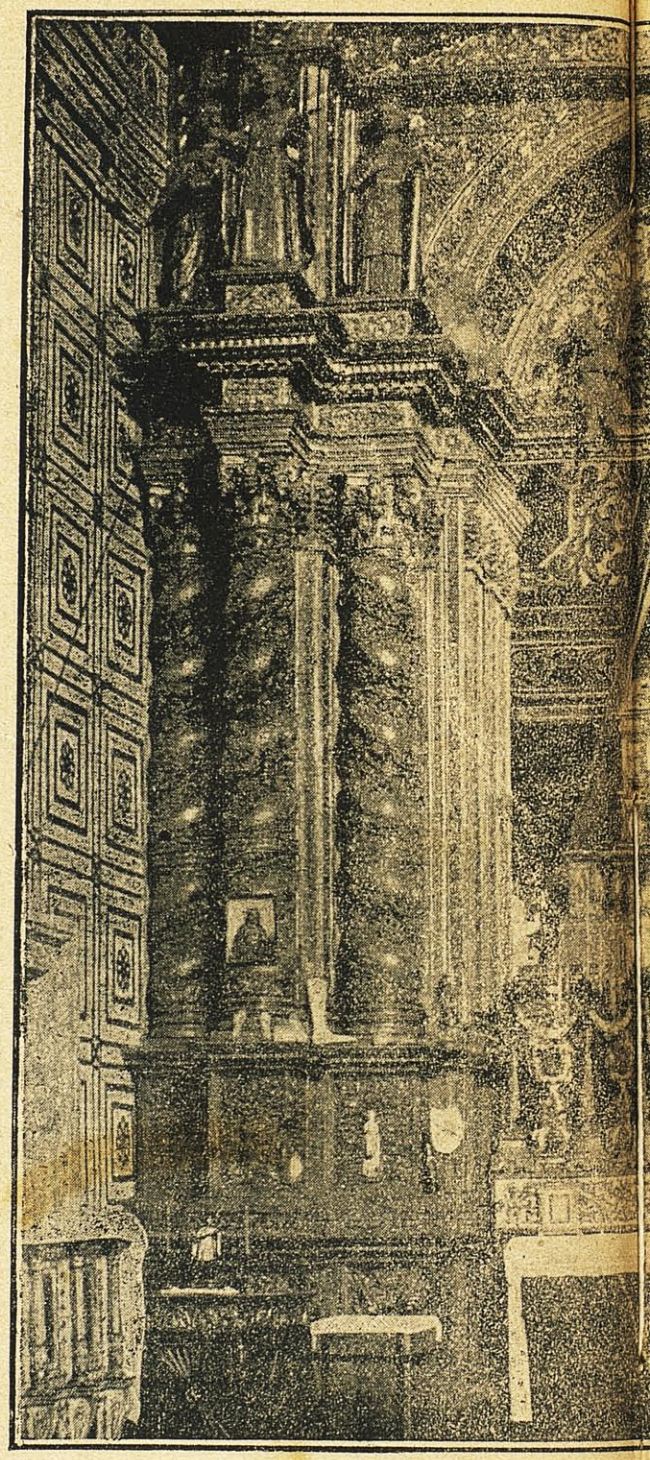
D'estes homens que timbram de esmagar o populacho, fujam os Terceiros; evitem tambem o concurso ás grandes casas de que ha suspeita n'este ponto, e só recorram a ellas no caso de altas vantagens, taes como a proximidade, a multiplicidade das compras, a facilidade de remessas, etc.

Quando encommendarem algum trabalho, no que toca especialmente ao vestido, vigiem que não seja isto motivo para quebra da liberdade religiosa e da santificação do domingo. Do mesmo modo, conhecendo os abusos odiosos a que se vendem tanta vez os operarios da agulha, tomem medidas energicas para que a obra encommendada se não faça de noite com notavel detrimento da saude e perda de forças para mais sérios trabalhos.

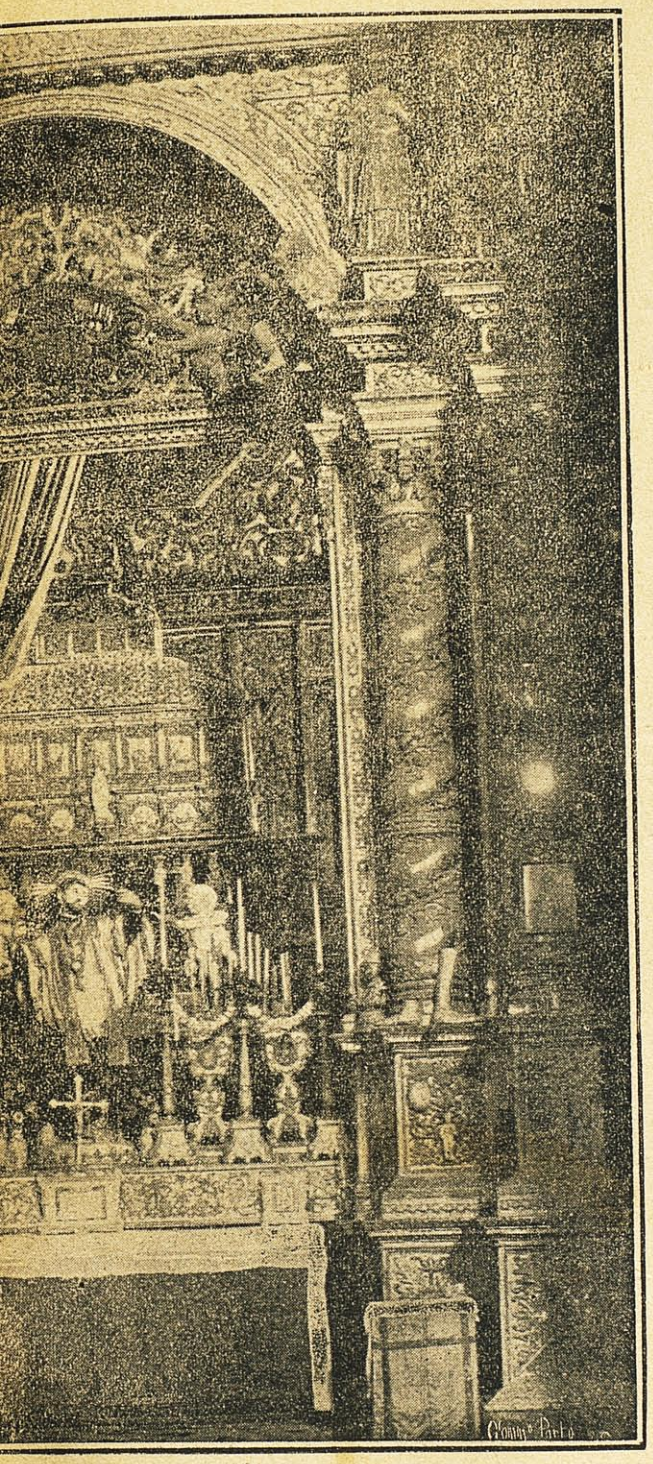
D'est'arte os Terceiros se furtarão a um tempo aos atrazos de pagamento e ás exigencias tyrannicas que só acarretam irregularidade e desordem sobre as officinas.

* * *

Isto que acabamos de propôr não passa de exemplos. Para ser completo o Directo-



O Tumulo de S. Fran



CISCO XAVIER EM GÔA

rio social deveria de abraçar os deveres dos patrões, dos commerciantes, dos proprietarios, etc...

Regras assim directrizes, firmes e precisas entrariam no foco da vida social, e, commentadas nas Fraternidades, examinadas nas Visitas, seriam para breve conhecidas fóra da Ordem, excitariam a curiosidade, puxariam a attenção, impor-se-hiam ás consciencias timoratas e ás almas piedosas, influenciariam na consciencia publica, suscitariam prudentes desapprovações, e impulsionariam, segundo penso, ao restabelecimento effectivo da justiça social.

Todavia, repito, isto são exemplos: proponho-os com o fim unico de mostrar com que precisão deveriam de ser traçadas as regras sociaes da Ordem Terceira, e não quero sustentar em these que são uma perfeição as poucas que deixo esboçadas. São discutiveis, pódem ser assumpto de contestações fundadas, não duvido que a muitos de meus leitores tenham provocado protestos e reservas.

Mas eu não as sustento, nunca as sustentarei com teimosia, deixo-as *abeant quo libuerint,* e por muito pago me darei se ellas, por sua imperfeição, fizerem entrevêr um complexo acabado de regras praticas para o Directorio social da Ordem Terceira.

Promulgado elle, imposto, sanccionado, garantiria á Ordem Terceira uma Direcção social verdadeiramente *una* e efficaz, designadamente se os visitadores tivessem direito de o modificar segundo os tempos e os logares.

Mais de metade do mundo christão apenas conjectura e não conhece os deveres sociaes. Que ao de menos na Ordem Terceira se ponham a descoberto estes deveres, e se ensinem com lucidez, e se façam observar no meio da vertigem crescente da ambição e da cobiça.

Mas uma tal direcção actuaria só immediatamente sobre os membros da Ordem Terceira; não exigiria d'elles mais que um apreço respeitoso, uma pratica exacta dos deveres sociaes. Todo o resultado se limitaria assim a uma acção sobre individuos, sobre alguns individuos.

Seria isto sufficiente? A Ordem Terceira não poderia exercer uma acção collectiva, obrar como associação, tomar sob este titulo encargos na sociedade para modifi-

car o espirito, combater as ideias, mudar, reformar e substituir instituições? Um Directorio social redigido, promulgado, praticado seria o tudo a esperar hoje em dia da Ordem Terceira para a reforma social do mundo moderno?

Segundo penso, não nos é dado por emquanto esperar mais na pratica. Demos agora o primeiro passo; com o correr dos annos daremos o segundo. E' este o pensar dos homens reflectidos que mais téem versado esta melindrosa questão, e *O Seculo XX* adoptou-a, e ainda hoje a defende com mestria não vulgar.

Mas parece-me que faltam á Ordem Terceira duas coisas necessarias para chegar a um accordão: força e programma. Estou na persuasão de que a Ordem Terceira não tem uma *força* bastante para concorrer efficazmente para a restauração da justiça social; carece de se desenvolver, de se engrandecer, robustecer e fortificar ao sôpro das passadas tradições. Para a acção social requer-se homens, mas homens de fogo e de caracter. E' para formação d'esta valente milicia que devem de concorrer desde já os esforços da ordem Terceira, se é que aspira a ser potencia.

Deus que não falta dará a *força:* dar-nos-ha tambem *programma*. Effectivamente nós não temos ainda um programma d'acção social. A Encyclica deu-nos os pontos basilares, forneceu os principios: urge agora tirar-lhe as conclusões, precisar as applicações praticas.

Apontou-se-nos para o Socialismo e o Capitalismo: este, baluarte d'oppressão que devemos atacar, derribar e pulverisar; aquelle, exercito sublevado só capaz de violencia e destruição. Que tactica a seguir n'esta dobre campanha, de que machinas de guerra usar, que armas a empregar, que posições a tomar, que fortalezas a occupar, onde fixar as linhas de defeza e ataque, que leis se hão de propôr, que concurso se ha-de exigir do Estado? Eis um sem numero de questões que se agitam continuamente, diversamente segundo a diversa opinião dos catholicos.

De relance, parece que a Associação e a Corporação, arvorando-se em defensôras de seus direitos, tanto mais sagrados e inviolaveis quanto mais desconhecidos e ultrajados, são a instituição mais azada a dispôr o terreno; mas como fundar associações e corporações, sobre que bases, que organisação a dar, que garantia a exigir, de que modo proceder? Mais questões ainda que nos trazem a divisão.

Perante este estado de coisas a Ordem Terceira não deve intervir; não se ha de enfeudar a doutrinas de opinião, seguir teimosamente o parecer de uma escola, d'um systema, d'um methodo: mantenha-se imperturbavel e catholica. No conflicto das classes, a Ordem Terceira não póde como a Egreja arvorar-se em campeão determinado do capital e do trabalho, da pobreza e da riqueza, da justiça e da fraqueza.

Se quizer tomar parte n'esta gloriosa campanha (não se arreceará de fazel-o quando já fôr uma potencia), deixe passar as birras, cahir os prejuizos, combinar processos, relacionar esforços; espere que se definam as causas, se caracterizem as doutrinas, se unifique a pratica. No entretanto, sem resvallar de seu posto, trabalhe na unificação das ideias e dos esforços, evite o que possa comprometter ou retardar-lhe a acção, prepare-a por uma intelligencia cada vez mais esclarecida, por uma abnegação cada vez mais generosa.

Se porém antes de se realisarem as suas aspirações, a Ordem Terceira não póde atirar-se á liça com força universal, póde muito bem entrar com recursos particulares, defendendo a causa da justiça nos logares em que ella é mais combatida e onde a Ordem Terceira logra de mais pujança. Será isto ao mesmo tempo um ensaio que conquistará as sympathias de todas as almas de bem.

Aqui releva ao Director e ao Discretorio passar revista á sua gente, e dispol-a para o combate. A prudencia nas medidas a tomar, e a destreza da nova milicia anticipará o dia do triumpho, e descobrirá o terreno para a acção futura e universal da Ordem Terceira.

De M. Boullet.

Santo protector para o mez de Junho

Santo Antonio de Lisboa. Não é possivel fazer uma idéa da grandeza d'este santo, cujo nome enche o mundo. Religioso perfeitissimo, prelado cheio de zêlo, missionario inexcedivel, mestre consummado, thauma-

turgo nunca visto, Santo Antonio deu na vida exemplos a todos, e depois da morte é ainda o grande distribuidor das bençãos de Deus sobre a terra.

Ao nosso seculo cabe a gloria de o ter consagrado solemnemente Pae dos Pobresinhos, e as 30 revistas Antonianas são o padrão a aferir dos amores de S. Antonio pela pobreza. *A Voz de Santo Antonio,* echo amortecido do movimento antoniano, logrou já imparceirar á sombra do grande santo para cima de 100:000 associados da *Pia União de S. Antonio de Lisboa.* A devoção a S. Antonio é verdadeiramente universal.

Benção Papal

No dia 17 — Sacratissimo Coração de Jesus.

Absolvição Geral

No dia 5 — Santissima Trindade.
No dia 9 — Santissimo Corpo de Deus.
No dia 29 — S. Pedro e S. Paulo.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1.ª — Uma em qualquer dia do mez.
2.ª — No dia 13 — S. Antonio de Lisboa, da 1.ª Ordem.
3.ª — No dia 19 — Beata Michelina, da 3.ª Ordem.

Parciaes:

Nos dias 4, 5, 11, 12, 18, 19, 25, 26, 198 annos e outras tantas quarentenas.
Nos dias 6, 10, 17, 24, 300 dias de indulgencias.
Nos dias 13, 19, 256 annos e 50 quarentenas.

Virtude a imitar

Respeito aos sacerdotes, e zêlo pela propaganda da fé.

Maximas de S. Francisco

Summa Sabedoria é fazer boas obras, esquivar-se a toda a culpa, e meditar continuamente os juizos de Deus.

Oração

Piedosissimo Deus, que illustraes com ineffaveis esplendores vosso servo S. Antonio, concedei-nos benigno, que alcancemos efficazmente por sua intercessão o que cheios de confiança vos pedimos por seus merecimentos.

SECÇÃO HISTORICA

SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Traducção)

(Continuação do n.º 16)

CAPITULO VI

O Exilio

(1250-1251)

INGADA a ideia do exilio não tardou a executar-se.

O decreto proscriptivo foi assignado nas entradas de Janeiro de 1250. Declarada Rosa revolucionaria e incursa em crimes anti-imperiaes, condemnaram-na a sair immediatamente e para sempre do territorio viterbiense, sob gravissimas penas. A proscripção abrangia seus paes como cumplices e responsaveis dos actos de sua filha.

No intuito d'empecer a qualquer agitação popular, esta ordem foi cuidadosamente conservada em segredo até quasi ao momento de sua execução.

Ao cair da noite, quando as ruas eram já ermas, foi que os soldados lançaram mão ousada da missionaria Franciscana, conduzinda-a, bem como seus paes, á presença do representante imperial.

Após haver-lhes significado o decreto em que eram incursos, o governador ordenou fossem levados, sob valente escolta, muralhas a fóra da cidade. [1]

Era no coração do inverno e a neve caía em abundancia. Em balde imploravam os dois esposos um pouco de demora, em balde solicitavam passar sequer a noite na cidade...

— «Equivale á morte — accentuavam — a saida tão a deshoras e em circumstancias tão criticas...».

[1] *Acta proc. can.,* (vita).

— «Sim, morrereis! —volveu duramente o governador — nem diverso é o meu anhelo». [1]

E em continente os fez acompanhar dos soldados para fóra da cidade, na direcção dos montes Cimini, não mui distantes de Viterbo.

Os dois conjuges, já anciãos, choravam amargamente; a santa, porém, exultando d'alegria, os exhortava a folgar e a abendiçoar Jesus Christo, pois se dignava de os convidar a soffrer pela verdade e pela justiça.

Falemos verdade: — aquella hora era em extremo critica, espinhosa a sorte que lhes cabia.

O manto da noite desdobrava-se já em suas longas, negras prégas; toldado era o céo de tristes e severas nuvens; o norte soprava rijamente, e a neve despenhando-se das alturas em grossos e continuos floccos, prateava a planicie, apagando os vestigios dos caminhos, envolvendo, como em immensa mortalha, as tenues camadas de gelo, formadas nos mansos arroios e brejos.

A cordilheira de Cimini distende-se ao sudoeste de Viterbo em muitas milhas d'estensão.

E' ainda, em grande parte, semeada de bosques e matagaes, que se prolongam até ás proximidades da cidade.

Em seculos idos, a floresta, que os reveste e faz reflorejar, qual immensa muralha de verdura, era ainda mais espessa. As collinas de que se compõem são arrepiadas de rochas e entrecortadas de vallesinhos e quebradas. O internar-se, pela noite, n'estes barrancos e despenhadeiros, hoje mesmo, seria aventurar-se a graves perigos e incommodos.

Após longas horas decorridas por estes desertos á mercê da sorte, os exilados encontraram-se desfallecidos de fadiga e tranzidos de frio á extremidade d'uma das gargantas da montanha.

A proseguir sua via careciam de transpôr um terreno mais e mais escarpado; mas suas forças eram exhaustas... Demais, á medida que ascendiam, a neve caía mais espessa, o frio era mais intoleravel, o vento assoprava mais furioso, os despenhadeiros mais e mais intransitaveis. Homisiaram-se na cavidade d'um rochedo, e para não serem surprehendidos de somno funesto, resignaram-se a aguardar de pé o retorno do dia. Ao rasgar da aurora recomeçaram suas tristes excursões. Depois de bem horas pelo deserto, defrontaram com a cidadella de Soriano, em cujo torreão fluctuava o estandarte pontificio. [1]

A pequena cidade de Soriano, [2] é fabricada á feição de ninho de aguia, sobre a summidade de um rochedo que emerge dos flancos dos montes Cimini. Dista cêrca de 10 kilometros de Viterbo. Era então feudo dos monges Benedictinos da Abbadia de S. Lourenço de Roma. [3]

De muito havia por alli murmurára, a vez primeira, o éco das virtudes e maravilhas de Rosa. Natural era o não pequeno rumor procedente de suas prégações. D'aqui a affectuosa e amiga hospitalidade que os sorianos lhe franquearam. [4]

Approximadamente um anno remaneceu Rosa entr'elles, embrenhada sempre, desde o dia primeiro, nos progressos da verdade e da justiça, no seu munus apostolico, partilhando as horas com a prece, penitencia e prédica.

Como em Viterbo, essa voz maravilhosa, jámais escutada, povoava, apinhava as ruas e praças publicas, — silenciando, enfastiando nunca, fascinando, conquistando sempre.

A cidade, bem que submissa ao Papa-Rei, era, todavia, theatro de incalculaveis desordens e escandalos; avultavam grandemente as ruinas da heresia e do scisma; a fé era não pouco desfallecida. A santa donzella, com sua palavra, como sempre, acompanhada das fascinações de celeste eloquencia e seguida de prodigios, tentou prompta e completa resurreição ao bem, e realisou-o. Os adormecidos no mal, jazidos nos sepulchros de seus crimes, resuscitam alegres, os desertores da fé realistam-se nas fileiras dos crentes, os froixos alentam-se, retemperam seu animo, realçam novos e infrangiveis vigores.

Emquanto robustece espiritos, reorganisa cruzadas e reanima esperanças nos peitos que combatem por Pedro, e desvendan-

---

[1] *Acta proc. can.*, (vita et vita secunda).

[1] *Acta proc. can.*, (vita et vita secunda).

[2] Conta actualmente 4:000 habitantes.

[3] Fundação de S. Gregorio III, fallecido em 741. (*Anastase le Biblioth., Vita Grég.* III).

[4] *Acta proc. can.*, (vita et testim.)

do o porvir, annuncia confiada destroços imminentes ao partido nacional, triumphos brilhantes e decisivos á Egreja.

Os planos de Frederico II frustravam-se, de feito, de dia para dia, goravam; Rosa era incontestavelmente o grão d'areia contra o qual devia espedaçar-se o diadema do despota.

(Continúa).

Pensamentos

Insulta-se a familia e a patria cada vez que se desrespeita a lei divina.

PLATÃO, *Leis IV e X, e n'outras partes.*

O mais importante dos officios sociaes é a administração do culto.

ARISTOTELES, *Politica, VII, 8.*

A religião é de todo necessaria se se quer conservar uma civilisação, e preservar os estados da ruina.

MACHIAVELL, *Discorsi, lib. I, c. II.*

Rasgaram um abysmo e a terra cahiu-lhes em cima... O homem não pode anniquilar o que Deus fez.

VOLTAIRE, *Oeuvrés, edição de Kehl, tom. XLVI.*

A mais alta garantia de que podem gozar as leis é a religião.

HEGEL, *Fhilts., O. II.*

Promulguemos em face de todas as nações e de todos os seculos que Deus é tão necessario como a liberdade.

MIRABEAU, *Arengas public. em Milão, 1802.*

ANECDOTAS

Calino pergunta na estação do caminho de ferro a que horas sahia o comboio das 7 e 40, e como lhe dissessem que ás 8 menos 20, exclamou enfadado:

Que mania! andam sempre a mudar as horas dos comboios.

— E' pelos dentes que eu conheço a edade de um frango.

—Mas os frangos não téem dentes.

—Não, mas tenho-os eu.

Do jardim de Xavier roubaram uma porta. Elle, furioso, interrogando a criada:

—Dize-me cá, a que horas foste tu ao jardim?

—A's seis.

—E a porta ainda lá estava quando a fechaste?

Leituras amenas

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO DOS PORTUGUEZES Á INDIA — VASCO DA GAMA

(Continuação do n.º 16)

Os musulmanos de Moçambique tinham com effeito descoberto desde o principio qual o fim d'esta expedição; estorval-a na origem, tornava-se ao mesmo tempo um dever de religião e uma imperiosa necessidade; por falta de força, indispensavel era usar de ardil. O capitão-mór queria partir; o cheque conveio em dar-lhe dois pilotos. Estes homens exigiam paga adiantada, mas suas reticencias foram talvez o que salvou Vasco da Gama, que começou a desconfiar e quiz que um dos pilotos ficasse a bordo emquanto o outro ía a terra.

No dia seguinte uma funesta experiencia lhe provou que esta precaução não era inutil.

Uma embarcação, que elle enviara em busca d'agua, lenha e outros objectos, foi acommetida por sete zambucos e alguns tiros de bésta e mosquete castigaram esta aggressão: a praia ficou deserta.

Temendo alguma nova traição, Vasco da Gama foi refugiar-se na ilha de S. Jorge, d'onde continuou a sua derrota para as Indias, levando a bordo o piloto que tivera a prudencia de reter; porém carecia d'agua, e, seja que realmente se desencaminhasse, ou que proseguisse um designio hostil, um mouro o guiou para esses labyrinthos, que as mangoeiras formam com tanta frequencia nas regiões dos tropicos. Alli Vasco da Gama expediu duas lanchas para explorar o paiz, cuja approximação numerosos negros defendiam. O piloto fugiu a nado com o grumete preto, que seguiu o seu destino induzido pela analogia de ideias religiosas.

No dia seguinte Vasco da Gama foi reclamar, com pacificas demonstrações, os dois fugitivos á aldeia, que lhes dera asylo. O mouro, que lá governava, não recusou positivamente entregal-os; porém affirmou que era de absoluta necessidade ouvir a decisão do cheque; e, ao outro dia, elle pro-

vou aos christãos quão pouco formidaveis os julgavam, respondendo, com uma vigorosa defensa, a fógos guerreiros com que pretendiam saudar sua partida.

Vasco da Gama insistiu; porém affirmaram-lhe que ácêrca dos pilotos não lhe podiam dizer cousa certa e que ignoravam o seu asylo, porque elles eram estrangeiros... que quanto ao mais sabiam a confiança, que se podia ter em homens que só buscavam asylo nas aldeias da costa para as expoliar. Este discurso, assás moderado ao principio, terminou por um choveiro de frechas.

A artilheria portugueza laborou e Vasco da Gama poderia ter facilmente incendiado esta aldeia; mas a sua unica intenção era intimidar os arabes, e elle o conseguiu. Tres ou quatro homens mortos pelo fogo do canhão e levados aos pés do cheque bastaram para infundir terror no meio d'aquella povoação. Um mouro, de que os portuguezes se haviam apoderado, foi atormentado e revelou o que desejavam saber, a respeito do commercio de Sofála, de suas riquezas em ouro e da proximidade em que estavam das costas da India. Pela primeira vez ouviram repetir: de Moçambique a Calicut não ha mais que um mez de navegação.

Antes que o cheque tivesse tempo para mandar gente para guardar os poços, Vasco da Gama quiz ir á aguáda e ordenou que tivessem bem vigiado o mouro de que se haviam apoderado. Por causa d'este mouro foi possivel haver agua, porquanto elle guiou os portuguezes por meio dos extensos pantanos, que seguiam o lançamento da costa. A noite era mui escura; durante estas idas e vindas o sol teve tempo de apparecer.

O cheque temia então os resultados de um ataque imprudente e enviou desculpas a Vasco da Gama. Um dos pilotos tinha fugido para o interior, o outro havia perecido em consequencia do fogo de artilheria. O cheque arabe remettia aos portuguezes, dizia elle, o que se tinha podido encontrar em casa das mulheres do fugitivo, cousa que os christãos tinham direito de reclamar; terminava offerecendo-lhe um piloto mais habil e mandando levar a bordo o preto desertor. «Não era o tempo opportuno para replicas», diz João de Barros. Vasco da Gama mandou restituir ao cheque os objectos, que lhe apresentaram e acceitou o piloto que se lhe offerecia; depois foi buscar de novo asylo na ilha de S. Jorge, e, demorando-se lá tres dias, só no primeiro d'abril de 1498, se ausentou da costa.

Vasco da Gama havia adquirido muita experiencia em poucos dias, de modo que um severo castigo punia os erros voluntarios do piloto. O espirito astuto d'este arabe nada precipitou ainda assim; elle esperava que a pequenez do porto de Quilôa, a sua pouca segurança para os navios, aos musulmanos entregasse a frota que conduzia. Por uma não esperada felicidade, as correntes afastaram Vasco da Gama daquellas paragens, e, depois de haverem risco de se perderem os tres navios, surgiram a 3 d'abril, domingo de Ramos, no porto de Mombaça.

Fiel ao seu systema o piloto affirmou ao chefe da expedição que esta cidade era povoada em parte por christãos abexins, em parte por habitantes da India. A cidade, situada no centro de um estreito e edificada sobre uma ilha, só se podia descobrir depois que no porto se entrava; mas, quando se chegava á entrada da enseada, era tal o modo de construcção dos edificios e mesmo das habitações, *que houveram os nossos que entravam em algum porto destes reinos*, diz João de Barros. Instruido pelos successos precedentes, Vasco da Gama houve-se com prudencia; contentou-se com vêr esta cidade africana, cujo aspecto enleava as equipagens e lhes trazia á memoria os portos da Europa, mas não quiz n'ella penetrar. Em breve se apresentaram duas embarcações com certas personagens, que pareciam de elevada dignidade, as quaes entrando na capitania convidaram Vasco da Gama com toda a cortezia oriental a ir ao porto. Este era o costume, disseram elles, a que os estrangeiros não podiam subtrair-se. Vasco da Gama, entendendo que não havia alternativa, prometteu entrar no porto ao seguinte dia. Porém as festas da Paschoa serviram de motivo para deferir esta entrada solemne; e Vasco da Gama contentou-se com enviar dois officiaes, que deviam levar presentes ao chefe arabe e ao mesmo tempo sondar as disposições da cidade. Foram provavelmente estas precauções o que salvou a expedição. Em todo o caso certas expressões do historiador das Indias nos provam que Vasco da Gama sabia com astucia responder á astucia, e que d'esta vez principalmente não foi baldada a sua circumspecção.

Ao terceiro dia, no momento em que numerosas embarcações lhe levavam uma mul-

tidão de arabes, vestidos de gala e promptos a servir-lhes de escolta, Vasco da Gama appareceu na coberta, e teve o cuidado de não admittir em cada navio, mais que dez ou doze individuos; depois ao som dos instrumentos e acclamações, mandou desferir as vélas, com grande jubilo de todos, diz João de Barros, dos mouros porque entendiam que levavam uma presa desejada; dos nossos, porque se conveciam de que havendo encontrado uma nação tão ostentosa e obtido novas tão certas da India, seus trabalhos estavam acabados. Os Portuguezes achavam-se comtudo n'uma hora de perigo; «mas Deus, que os havia sempre encaminhado, não permittiu que a vontade dos Mouros se executasse; e quasi milagrosamente livrou os Portuguezes, revelando-lhes d'este modo as intenções dos Mouros».

A capitania, não obedecendo á manobra, ia descaindo para um baixio; Vasco da Gama viu o perigo, e mandou em continente lançar ferro; «porém, como, segundo o costume dos nauticos, em similhante circumstancia, este mandamento não se pode executar sem que a equipagem corra de um para o outro lado, logo que os Mouros, que nos diversos navios estavam, viram este movimento, entendendo que era descoberta a traição, que premeditavam, a seus barcos se arremessaram no meio da maior desordem. Os que se achavam a bordo do navio de Vasco da Gama fizeram o mesmo, e todos, até o piloto de Moçambique, se lançaram do castello popa ao mar, tão geral foi o terror.

Vendo Vasco da Gama e os outros capitães esta novidade inopinada, Deus lhes aclarou o entendimento para que podessem comprehender a sua verdadeira causa. Sem mais demora resolveram os Portuguezes ausentar-se logo, e seguir o lançamento d'uma costa, que sabiam que era mui povoada: elles podiam effectivamente encontrar navios de musulmanos, que lhes dessem algum piloto. Pelo que toca aos Mouros, como haviam comprehendido o que ia succeder, voltaram n'essa mesma noite, remando sem ruido, com intento de cortar as amarras dos navios; porém a sua maldade não teve resultado por serem ouvidos. Partido que foi d'este logar de perigo, no dia seguinte, Vasco da Gama encontrou dois zambucos, que iam para a cidade. Os Portuguezes tomaram uma d'estas embarcações, só com treze Mouros (os outros arremessaram-se ao mar): d'estes Mouros souberam os Portuguezes que mais ávante havia uma cidade chamada Melinde, em que reinava um rei humano, que poderia dar-lhes pilotos que os levassem ás Indias.

João de Barros faz menção de Melinde e do seu rei; disse d'algum modo, o fim d'esta prodigiosa viagem. Vasco da Gama, proseguindo a sua derrota, sem todavia abandonar a preza, que acabava de fazer, surgio a 15 d'abril de 1498, no porto hospitaleiro, que os Mouros lhe haviam indicado: n'este porto ancorou, exactamente no dia de Paschoa, cuja solemnidade era com tamanha pompa celebrada em todos os Estados christãos.

Um grande acto se acabava de executar, não só para Portugal, mas para os paizes da christandade, como então se dizia.

Chegado que foi Vasco da Gama a Melinde, todas as difficuldades d'esta prodigiosa expedição se aplanaram, como por encanto. O rei d'aquellas regiões era musulmano, mas tinha coração de christão, assim dizem os poetas e chronistas. Tudo denotava, além d'isto, no seu modo de proceder, sabias vistas e uma rectidão d'intenções, que d'elle fazem um homem singular.

Este rei convidou Vasco da Gama a visital-o no seu palacio; e, dizendo-lhe o capitão-mór que uma ordem expressa do seu soberano o tolhia de sahir a terra antes de chegar aos dominios d'El-Rei de Calicut, o rei de Melinde não hesita em se confiar a estrangeiros, cujo valor admira. Então a pompa oriental ostenta, pela primeira vez, a sua magnificencia aos olhos dos Europeos, e mostra aos Portuguezes riquezas, de que só fraca ideia lhes haviam dado as narrações de Marco Polo e Pero da Covilhã.

O Author das Decadas nos faz tambem comprehender a superioridade, que, sobre estes povos, a artilheria deu aos Portuguzes, quando estes se apresentaram como senhores, e não já como hospedes pacificos. Mandando Vasco da Gama salvar em honra do rei de Melinde, houveram os Mouros tanto medo do estampido dos canhões, que todos quizeram de repente fugir para terra.

Vasco da Gama mandou cessar as descargas da artilheria, e se foi ao zambuco em que estava El-Rei de Melinde, e dados os parabens da boa vinda, houve entre elles completa confiança. O rei, agradecido d'este acolhimento cheio de franqueza, quiz visitar

as diversas embarcações, e mostrou-se sobre tudo sensivel ao presente, que lhe deu Vasco da Gama, dos treze prisioneiros, que os christãos haviam apprehendido no mar. Nos dias seguintes, nada interrompeu esta boa harmonia, e foi deante de Melinde, que Vasco da Gama recebeu, pela primeira vez, o piloto fiel, ao qual justo é atribuir em parte o exito da expedição. Malemo Canaca, Mouro do Guzarate, logo que entrou em relação com os christãos, sinceramente se dedicou ao seu serviço, e não cessou de lhes ser invariavelmente affeiçoado. Vasco da Gama, ficou satisfeito dos conhecimentos geographicos que no dito Mouro observou, mórmente, diz João de Barros, quando elle lhe mostrou um mappa, em que se via desenhada toda a costa das Indias, orientado segundo o systema dos Arabes. — O historiador, que menciona certas particularidades technicas a este respeito, observa tambem que o novo piloto não mostrou surpreza alguma á vista dos instrumentos nauticos, de que os christãos usavam; elle deu mesmo, sobre este ponto noticias exactas, que deveria sempre reproduzir quem tiver de memorar a historia da sciencia.

Sem embargo da hospitalidade d'El-Rei de Melinde, Vasco da Gama não fez longa residencia n'esta cidade; tinha pressa de chegar ao termo da viagem, e de conhecer por si mesmo a verdade das relações, que lhe haviam feito. Reportando-nos á narração fiel de Fernão Lopes de Castanheda, que ás vezes se deve, a nosso entender, preferir a João de Barros, os ultimos dias d'esta estação não foram sem suspeita, e só por uma especie de violencia obtiveram os Portuguezes o guia, que com vehemencia o desejavam. Em Canaca, o piloto de Guzarate, chegou a bordo, e n'uma terça-feira, vinte e oito d'abril, os navios puderam dar á vela. Sem embargo da estação contraria, circumstancia conceituada depois como milagre, a passagem de Melinde e costa de Malabar executou-se com rapidez, e a navegação findou sem tormenta.

No domingo vinte do mez de maio, o piloto avistou as montanhas de Calicut, e em continente foi pedir a Vasco da Gama alviçaras por tão boa nova; elle commetteu ainda assim um pequeno erro: julgando que ancorava em Calicut, foi surgir em Capacote, que d'aquella cidade dista legua e meia.

Numerosas embarcações pequenas, conhecidas pelo nome d'almadias, rodearam logo os navios, e advertiram o piloto do seu erro. Rebocados pelas almadias, a capitania e os outros navios foram immediatamente ancorar defronte de Calicut.

Mui circumspecto para se apartar um momento das precauções de prudencia, que a sua situação lhe prescrevia, Vasco da Gama teve o cuidado de se conservar fóra do porto, mandando todavia logo a terra um d'esses proscriptos, que então acompanhavam todas as expedições portuguezas.

Taes homens nada tinham a perder n'estas arriscadas correrias, e por um só acto de valor podiam rehabilitar-se.

O homem que Vasco da Gama mandou a terra embarcou n'uma das almadias que rodeavam os navios; e logo que desembarcou, animoso começou a caminhar para a cidade, «do que sobremaneira se admiraram os habitantes de Calicut, diz Lopes de Castanheda, porque o seu traje era mui differente do dos Mouros que lá íam do estreito; de modo que muita gente o seguia; e alguns individuos, que sabiam fallar o arabe, lhe fallavam, mas elle nada respondia, porque ignorava aquelle idioma, pelo que o povo estava maravilhado... E entendendo os habitantes de Calicut que o homem recemchegado era Mouro, o levaram á pousada de dois Mouros, naturaes de Tunes, na Barbaria; um d'elles chamado Montaibo, sabia fallar hespanhol, e conhecia mui bem os Portuguezes, que depois disse ter visto em Tunes no tempo d'El-Rei D. João, em um navio que este monarcha muitas vezes lá mandava em busca de diversas cousas.

Quando o banido entrou na casa, conhecendo Montaibo que elle era Portuguez lhe disse estas palavras: — eu te dou ao diabo, que aqui te trouxe, — e depois lhe perguntou porque modo elle havia ali chegado. O proscripto referiu tudo ao Mouro e lhe disse quantos navios tinha o capitão-general.

Montaibo, mui admirado de que elles pudessem ter ido ali por mar, lhe perguntou o que íam buscar tão longe; ao que o Portuguez respondeu que íam em busca de christãos e especiaria. Perguntou-lhe o Mouro porque não mandavam tambem lá os reis de França e de Cas-